

No largo de Parelheiros, fica a capela de Santa Cruz, que surgiu a partir da pequena igreja de Amaro de Pontes

# Parelheiros abriga 2 aldeias indígenas

## MOACIR ASSUNÇÃO

Parelheiros, na Zona Sul, ainda concentra em sua imensa área — de 383 quilômetros quadrados — trechos de verde, sítios e chácaras de passeio na mata da Serra do Mar, na divisa com Cubatão. Criado em 1829, pelo imperador Dom Pedro II, para abrigar uma colônia alemã, o bairro-dormitório de aproximadamente 270 mil habitantes também tem como marca a Guerra do Paraguai, maior conflito armado enfrentado pelo Exército Brasileiro. Na época, o morador Amaro de Pontes, prometeu construir uma igreja caso voltasse vivo. A promessa deu origem à capela de Santa Cruz, no centro da região.

Ao contrário das colônias do Sul do Brasil, a de Santo Amaro não foi muito bem-sucedida, por falta de incenti-

vos do Governo. Na época, o Ato Heydt, promulgado na antiga Prússia, chegou a proibir a imigração de alemães para o País, por conta dos protestos dos imigrantes em razão dos maus-tratos dos feitores das fazendas.

O bairro, cujo nome origina-se das corridas de cavalos em parelhas, um dos divertimentos dos antigos moradores, conta com duas das três aldeias indígenas guaranis da cidade.

Depois dos alemães, a área, que fica a 36 quilômetros do Centro da cidade e ficou conhecida como Santa Cruz de Parelheiros por conta da capela construída por Amaro, passou a ser habitada por japoneses, mineiros e nordestinos. Segundo moradores mais antigos, com o passar do tempo, os alemães se tornaram mais caipiras que os próprios

habitantes locais, dos quais, praticamente, não se diferenciavam. Os seus nomes foram aporuguesados durante a Segunda Guerra Mundial e escolas e clubes alemães acabaram fechados.

Atualmente, o bairro é uma área de periferia com problemas comuns a outras regiões da cidade, como, por exemplo, os loteamentos irregulares, nas margens da represa de Guarapiranga, que trazem uma série de dificuldades à região. Atualmente, de acordo com o Posto Avançado de Parelheiros, somente 36 dos 92 loteamentos estão regularizados.

Parelheiros tem também em sua área uma cratera, provocada pela queda de um meteorito. Apesar de a cultura alemã não ter sido preservada, é comum encontrar pessoas com sobrenomes dessa origem no local.

## Morador quer infra-estrutura

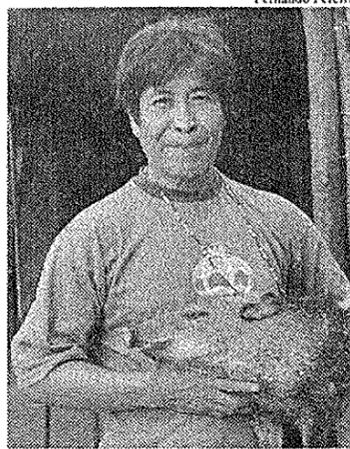
Os problemas de Parelheiros, segundo os moradores e o diretor do Posto Avançado da Prefeitura, Henrique Hesses Roschel, são o crescimento desordenado e a falta de infra-estrutura nos loteamentos irregulares, principalmente de canalização dos esgotos. Outra dificuldade enfrentada pela população é a falta de estradas em boas condições para se deslocar para outras regiões. A Prefeitura tem um projeto, que deve ser iniciado em breve, de construir de um corredor de ônibus entre o bairro e Santo Amaro.

“Se quisermos preservar o verde que nos resta, temos de instalar a infra-estrutura nos loteamentos já existentes e proteger, com fiscalização rigorosa, as áreas ainda virgens, sob pena de perdemos tudo”, alerta Henrique. A situação atual, em que não se regulariza os loteamentos nem se protege as áreas verdes, em sua opinião, favorece a devastação. Para o diretor e os moradores, o jeito de Interior da área, em que todos se conhecem, é o principal atrativo de Parelheiros.

## Cacique luta pela cultura de seu povo

Cacique dos guaranis da aldeia Morro da Saudade, Manuel de Lima, ou Karai Poty, no idioma indígena, de 46 anos, tem projetos ambiciosos para preservar a cultura e as tradições da tribo, que tem 502 índios que estão sob seu comando. A fundação de um museu de objetos tribais na aldeia, a manutenção de festas e rituais dos antepassados e o aprendizado da língua, que todos, inclusive as crianças, falam, faz parte desse esforço para evitar a dominação cultural num mundo de brancos.

“Os guaranis são, por tradição, uma nação muito conservadora de hábitos e



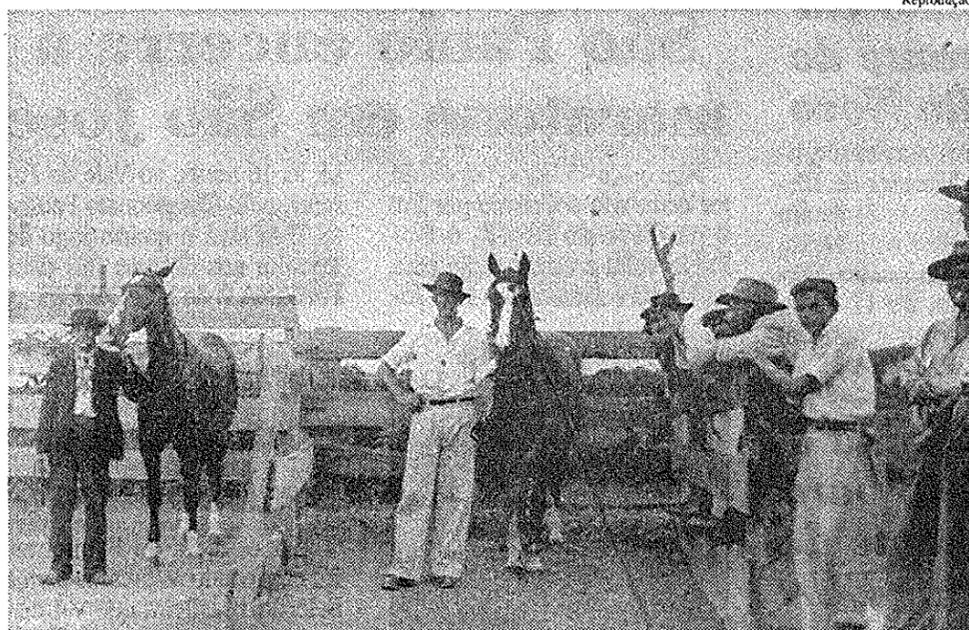
Manuel pretende preservar tradição

costumes ancestrais que sempre procurou se defender da influência do mundo não-indígena”, explicou. Na opinião do cacique, o índio precisa ser instruído, dentro da aldeia, sobre o que acontece no mundo exterior para não ser surpreendido.

Uma índia está estudando em uma escola de Santo Amaro para se tornar a professora da aldeia e Joaquim, irmão de Manuel e enfermeiro credenciado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) atua no atendimento à saúde dos guaranis da aldeia e de outra, a Krucutu, situada a cinco quilômetros.

Segundo Manuel, a aldeia de Parelheiros foi fundada em 1958, mas os guaranis e outras tribos sempre circularam pelo local em direção ao Litoral. “Chegou um momento em que os índios perceberam que a vida não poderia ser igual àquela que havia antes da chegada do europeu, em que todos podiam se deslocar para onde quisessem, sem prestar contas a ninguém”, conta.

A grande dificuldade, segundo ele, foi enfrentada na questão da educação, quando a Prefeitura não quis assumir o encargo de fundar uma escola e os índios precisaram recorrer ao Estado para manter duas professoras na aldeia.



As corridas de parelhas, disputadas na pista construída em terras do alemão Karl Ablass, eram um dos divertimentos dos antigos moradores

## Capela surgiu depois de uma promessa

Moço forte e bem disposto, de aproximadamente 25 anos, segundo a descrição do morador Pedro Geraldo Schunk, o Pedrinho da Venda, Amaro de Pontes era dono de nove alqueires de terra em Parelheiros. Quando estourou a Guerra do Paraguai, em 1865, a Polícia foi buscá-lo para se integrar às forças que invadiram o país vizinho, comanda-

do por Solano López. Ao passar em frente à área atualmente conhecida como largo de Parelheiros, onde fica a capela, ele pediu para fazer uma prece.

Permissão concedida pelos milicianos, Amaro jurou que, se conseguisse retornar à terra natal, doaria uma área à Igreja para construção da capela. No fim do conflito, em 1870, ele voltou para Parelheiros com muitas dificuldades, vindo a pé do Paraguai junto com alguns companheiros em meio a muito sofrimento. Ao chegar, mandou erguer uma capelinha de sapé com uma cruz de madeira de 1,5 metro de altura. O lugar passou a ser conhecido como Santa Cruz de Parelheiros.

Dono de um sítio nas proximidades do largo de Parelheiros, o agricultor alemão Karl Ablass fez uma pista de corridas de cavalo em um dos seus pastos. Até hoje, é possível observar vestígios das parelhas nos fundos de um depósito de materiais de construção. Os moradores passaram a apostar na vitória dos cavalos e há até um caso curioso sobre a vitória de um morador sobre um cavalo, em uma das competições.

Outro personagem muito conhecido na região foi o professor Júlio César de Campos, responsável pela alfabetização dos moradores a partir de 1951, quando surgiu a primeira escola do bairro. A iluminação pública só chegou em 1962.